

## MARCAS DE ARCAÍSMOS NO DISCURSO ORAL DE SERINGUEIROS ACREANOS

**Autora: Francisca de Oliveira Maia**

### INTRODUÇÃO

Este subprojeto de pesquisa, apresentado no XV Seminário PIBIC/UFAc, faz parte do projeto maior Atlas Etnolingüístico do Acre e tem como título *Conservantismo e Inovação na Linguagem do Estado do Acre*. Por tratar-se de uma temática bastante ampla, optamos por um recorte, realizando uma pesquisa sobre marcas de conservantismo observáveis no linguajar de seringueiros acreanos. A temática inovação será trabalhada em uma outra oportunidade.

Efetuamos, como ponto de partida para o trabalho, uma análise em nível fonético-lexical, procurando detectar vocábulos e pronúncias arcaicas na fala dos informantes. Aqui, parece-nos necessário tecer alguns comentários sobre o significado de “arcaísmos”.

Para o gramático Rocha Lima (1953, p. 113) “arcaísmos são fatos da velha língua que desapareceram”.

Para Ismael de Lima Coutinho (1958, p. 65) arcaísmos “são os mais antigos documentos da Língua que desapareceram”.

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1986) define arcaísmo como “palavra, expressão ou construção arcaica” e, ainda, como “modo de falar ou de escrever antiquado”.

Na mesma linha, o *Dicionário da Língua Portuguesa* (2001), registra que arcaísmo é “palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua”. Ressalva-se, entretanto, que em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas; por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada, etc.

De nossa parte, pensamos que a língua, enquanto sistema, não passa por alterações de forma uniforme em todo o território em que é usada. Ela pode ser encontrada em estágios diferentes de evolução nas diversas comunidades falantes, como consequência de fatores diversos. Entre os elementos influenciadores mais citados na literatura para a variação heterogênea da língua estão a situação geográfica em que a comunidade se encontra e a consequente maior ou menor exposição aos eventos e recursos do mundo moderno.

Embora exista, atualmente, um debate ainda não terminado acerca do que seja arcaísmo e do que seja inovação na língua portuguesa, consideramos arcaísmos para fins deste trabalho todas as ocorrências que remontam ao Latim ou ao Português Arcaico.

Assim, observamos na fala dos entrevistados, todos seringueiros, várias expressões e alterações fonéticas que, embora comuns em estágios anteriores da Língua Portuguesa, não se constituem em registros comuns da norma atual em espaços urbanos. Isso não impede que esses vocábulos continuem vivos na linguagem dos entrevistados.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a seguinte:

- leitura de livros para embasamento do tema;
- consultas a dicionários etimológicos;
- oitiva de 18 fitas cassetes de 60 minutos cada, pertencentes ao acervo do CEDAC;
- registro de vocábulos com marcas arcaicas;
- cotejamento de expressões da fala do seringueiro com a origem destas no Latim e no Português arcaico.

## **ESCOLHA DOS INFORMANTES**

Selecionamos 2 informantes e 9 municípios do Estado do Acre, a saber, Rio Branco, Xapuri, Plácido de Castro, Cruzeiro do Sul, Feijó, Tarauacá, Assis Brasil, Manuel Urbano e Sena Madureira, o que nos forneceu uma amostra, embora pequena em termos numéricos, bastante abrangente em termos de espaço. Invariavelmente, para cada município, foram entrevistados 01 informante do sexo masculino e 01 do sexo feminino. Todos viviam em seringais na época da coleta de dados, os homens tinham como atividade principal o cultivo da seringa e as mulheres, no mais das vezes, ocupavam-se dos afazeres domésticos. Essas gravações fazem parte do acervo do Centro de Estudos Dialetológicos do Acre<sup>1</sup>, tendo sido realizadas para fornecerem dados para o Atlas Etnolingüístico do Acre.

## **CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS**

As ocorrências encontradas estão situadas no plano fonético e no plano lexical. Apresentamos a seguir alguns exemplos:

### Síncope da consoante “h”

“Minha > Miña”

“Tinha > Tiña”

“Farinha > Fariña”

### Síncope do dígrafo “lh”

“Folha > Foia”

“Trabalha > trabaia”

Segundo Said Ali, este fenômeno pode ser explicado por meio da epêntese, que consiste na adição de sons no interior da cadeia sintagmática tutelado pela estrutura da sílaba, que tende frequentemente para o padrão universal CV (consoante + vogal). Tal descoberta reestrutura notoriamente as sílabas do Português medieval que continham hiato (encontro de duas vogais) – i~o, i~a e que, a partir dos séculos XIV e XV passaram a terminar em -inho e –

---

<sup>1</sup> Dados coletados no período de 1990 a 1998 pela equipe responsável, na época, pelo Centro de Estudos Dialetológicos do Acre.

inha. Outra explicação dada por Edwin B. Williams em seu livro “Do Latim ao Português” (1961) é que o som [ɲ] não existia, as grafias īha e īho do Latim eram -ina e -ino, o “h” só era usado para representar um hiato.

Os registros acima elencados representam, portanto, as formas originais do Português medieval, antes da epêntese consonantal.

#### Desnasalização das formas *home* e *ome*:

“homem > home”  
“homem > ome

Sabe-se que a forma *ome* era empregada na língua arcaica literária; também muitas outras palavras do latim com a terminação -ine sofreram perda de nasalidade ao evoluírem diacronicamente.

Homem – *ome* século XIII, home XIII e homêe XIII < do Latim *hōmō*, logo as formas “home” e “ome” podem ser consideradas marcas de arcaísmos.

#### desnasalização das formas da terceira pessoa do plural dos pretéritos perfeitos, imperfeitos e terceira pessoa do presente do indicativo:

“Eram dois > Era dois;”  
“Eles chamam > Eles chamo;”  
“Eles se apartaram > Eles se apartaro;”  
“Eles chamam > Eles chamo;”  
“Eles ficavam > Eles ficavo;”  
“Eles vendem > Eles vendi.”

Historicamente, este fato pode representar as antigas formas: *amarō*, *disserō*, *partirō* da norma culta portuguesa e que ainda se conservam em algumas localidades do norte de Portugal. Note-se que na fala dos antigos escravos negros e entre os falantes do seringal registram-se *amarum*, *disserum* e *cantarum*.

A partir destas afirmativas, confirma-se como arcaísmo o fenômeno de apresentar no singular formas que deveriam estar no plural segundo as regras da Gramática Normativa.

No plano exclusivamente lexical, citamos duas palavras, *alumiãr* e *árvre*. A primeira foi constatada no vocabulário de uma informante de 38 anos, de Rio Branco. O vocábulo provém do Latim *adlumīāre*: *Adlumīāre* > *illumīnāre* > *alumiãr*. A segunda foi produzida por uma informante de 16 anos, de Tarauacá. Era a escrita do vocábulo no Latim. Existe uma síncope tardia da penúltima postônica. Com a intensificação do acento dinâmico que se desenvolveu no século XVI, a penúltima vogal dos proparoxítonos começou geralmente a cair no Português coloquial e dialetal, não importa se a vogal fosse “a”, “e” ou “o”. Essa modificação não é comumente revelada na grafia, que já se havia tornado relativamente fixa graças à impressão que se fazia cada vez mais influenciada pelo Latim.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo exposto, podemos observar que a Língua Portuguesa passou por diversas transformações; no entanto, algumas palavras, em seus registros anteriores, permaneceram no uso que certos grupos fazem da língua, conservando intactas características do Português em uma de suas fases de formação. Assim, pôde-se observar, por meio de estudos da gramática histórica, a presença de marcas de arcaísmos na fala dos seringueiros, objeto precípuo de estudo de nosso projeto. É inegável a importância de uma pesquisa que aborde tal temática, uma vez que a mesma possibilitou a realização de um estudo sistematizado dos falares do Estado do Acre, mostrando outras matizes do Português do Brasil, com variedades que não possuem prestígio social e muitas vezes são consideradas como formas “erradas”, sob o ponto de vista de uma norma culta urbana. Sem dúvida, os resultados confirmam a inexistência de uma unidade na Língua Portuguesa, fato já atestado por vários lingüistas, entre os quais Marcos Bagno, em seu estudo “O preconceito Lingüístico”.

No entanto, para que o estudo alcance maior abrangência em termos de representatividade da fala dos seringueiros acreanos, faz-se necessário aumentar o número de informantes, bem como estender a coleta de dados aos demais municípios do Estado. Além disso, uma nova coleta de dados seria salutar para atualização de registros e para possibilitar um estudo diacrônico.